

HARRY STACK SULLIVAN (1892-1949)

CEFID-DMT: FORMAÇÃO EM DANÇA-MOVIMENTO-TERAPIA

Maria Angelica de Melo Rente



Herbert “Harry” Stack Sullivan foi um psiquiatra estadunidense de formação psicanalítica e influência neo-freudiana. Nascido no estado de Nova York, ele se graduou em medicina em 1917 e iniciou a seguir seu trabalho em psiquiatria clínica, tendo atuado durante 20 anos em hospital psiquiátricos antes de começar a esboçar sua teoria: 10 anos atendendo pacientes esquizofrênicos e mais 10 anos investigando processos neuróticos. A partir de sua atuação médica ele criou uma teoria da psiquiatria baseada nas relações interpessoais, segundo a qual as forças culturais e relacionais são as grandes responsáveis pelas doenças mentais. Apesar de treinado em psicanálise freudiana, desenvolveu importantes diferenças teóricas em relação aos conceitos psicanalíticos. A Sullivan não interessavam as questões como o comportamento sexual infantil ou a histeria, temas tão caros a psicanálise. Seus assuntos de interesse eram aqueles relativamente negligenciados por Freud, como os padrões de interação social entre pessoas, em particular.

Sullivan não se tornou uma figura muito influente na Psicologia, porém seus estudos contribuíram grandemente para o campo da Dança-Movimento-Terapia, especialmente através do trabalho da pioneira Marian Chace.

Idéias-chave:

- Núcleo do trabalho: Psiquiatria das relações interpessoais;
- O psiquiatra/terapeuta é um observador participante;
- Uso dos conceitos derivados da Teoria de Campo;
- Isso de conceitos derivados da análise antropológica de outras culturas;
- Interesse na comunicação, linguagem e símbolos

Principais proposições:

- Sullivan define personalidade como sendo "o padrão relativamente duradouro de **relações interpessoais** que caracterizam uma vida humana". Para ele, a organização da personalidade se dá em eventos intrapessoais, e ela só se manifesta quando o indivíduo está em relação com uma ou mais pessoas (que não precisam estar fisicamente presentes, podem inclusive ser personagens fictícios);
- Cada pessoa, em uma relação dual, está envolvida como uma parte de um campo interpessoal em processos que afetam e são afetados pelo campo, e nunca como uma entidade separada;
- Para ele, o ser humano é caracterizado pela busca por **satisfação de necessidades**, que incluem as físicas - como ar, água, comida e calor – e as emocionais, especialmente de contato humano, expressão de talentos e capacidades e segurança. Quando existe o risco de que necessidades fundamentais não sejam satisfeitas a ansiedade se instala. Ela é, portanto, o motivador primário do comportamento humano;
- Quando bebês, somos incapazes de buscar ativamente pela satisfação de nossas próprias necessidades no ambiente. A fim de provê-las, os

relacionamentos interpessoais, primordialmente com a figura materna, são centrais desde o início da vida. A falha na satisfação das necessidades resulta em ansiedade, medo e sensação de solidão. Medo e ansiedade funcionam como tendências integradoras, já que a criança, mediante o choro ou agitação psicomotora, chama a atenção da pessoa cuidadora e propicia uma interação que permite a diminuição da tensão, conduzindo o sistema bebê-cuidadora a um estado de conforto;

- Existe uma ligação empática entre a figura de cuidado e o bebê, numa interação complexa, na qual o bebê comunica a ansiedade e a tensão resultantes de suas necessidades não satisfeitas através do corpo, provocando ansiedade e tensão também na pessoa cuidadora e motivando-a a responder às necessidades do bebê. A satisfação leva à integração tanto do bebê quanto da figura materna;
- A segurança resulta da ausência de ansiedade;
- Conceito de **dinamismos**, ou seja, “os padrões relativamente permanentes de transformação de energia que caracterizam recorrentemente as relações interpessoais”, que podem ser comparados a padrões de comportamento na interação com o ambiente e as demais pessoas. Uma transformação de energia é qualquer tipo de comportamento, podendo ser manifesto – falar, mover-se – ou oculto e privado – pensar, imaginar. Cada organismo, em relação, desenvolve uma variedade de padrões que se sobrepõe e se misturam e que têm por objetivo satisfazer as necessidades fundamentais do indivíduo. Qualquer reação habitual em relação a uma ou mais pessoas constitui um dinamismo, seja na forma de sentimentos, atitudes ou ações. Todas as pessoas possuem os mesmos dinamismos básicos, mas eles expressam de formas diversas, dependendo da situação e das experiências de vida do indivíduo;
- Como toda mãe é passível de falhas na satisfação das necessidades de seu bebê, a ansiedade torna-se inevitável e é o motivador primário do

desenvolvimento da personalidade. O **auto-sistema**, ou **sistema de self**, é o dinamismo responsável por evitar, prevenir ou reduzir a ansiedade. Para tanto, ele desenvolve um conjunto de mecanismos denominado **operações de segurança** que, na teoria de Sullivan, são os equivalentes aos mecanismos de defesa da psicanálise;

- O auto-sistema sanciona certos modos de comportamento (o self *eu-bom*), censura outros (o self *eu-mau*) ou exclui da consciência outros que não são aceitáveis ou são estranhos e desagradáveis demais para serem considerados como parte de si (o self *não-eu*). Assim, ele age como um filtro de consciência. Sullivan utiliza o termo **atenção seletiva** para definir a recusa do inconsciente a dirigir sua atenção para eventos e sentimentos causadores de ansiedade, como forma de defesa. Desta forma o auto-sistema se isola do restante da personalidade, negando-se a beneficiar-se da experiência. Quanto mais experiências geradoras de ansiedade são vividas pelo indivíduo, mais o auto-sistema se fortalece e mais se dissocia da personalidade, impedindo que o indivíduo julgue objetivamente seus comportamentos e comprometendo a capacidade de relacionar-se construtivamente com as outras pessoas. Para Sullivan, o auto-sistema é o principal obstáculo às mudanças favoráveis de personalidade.
- O auto-sistema se origina nas experiências interpessoais, relacionadas à satisfação das necessidades de segurança. As experiências mais difíceis para a criança não são necessariamente as que envolvem as inevitáveis falhas na satisfação de suas necessidades, mas aquelas nas quais ela sente a ansiedade do cuidador na busca por responder a estas necessidades. A ansiedade do cuidador provoca ansiedade na criança, promovendo a necessidade de estabelecer um senso de segurança e conduzindo à evolução do auto-sistema e ao desenvolvimento das operações de segurança.
- As desordens mentais são resultado de uma comunicação inadequada, com interferência de ansiedade excessiva, atuando para deter o

desenvolvimento do auto-sistema e limitando as oportunidades de satisfação interpessoal, assim como das operações de segurança. A não-satisfação recorrente das necessidades leva a um grau de ansiedade cujo foco é indefinido, e passa a ser vivida pelo bebê como uma tensão sem forma e sem causa aparente. Assim, passa a ter uma tendência desintegradora;

- O desenvolvimento infantil sofre influência das forças parentais e sociais. Para Sullivan, as experiências infantis, que constituirão o indivíduo adulto e determinarão seu funcionamento, se dão de três modos possíveis, que apontam para o papel fundamental da linguagem na experiência humana: o modo prototático, característico da primeira infância e relativo à experiência que ocorre antes do uso dos símbolos. Presente nos quadros de esquizofrenia; o modo paratático, que se refere a símbolos utilizados de forma idiossincrática ou autista; e o modo sintático, no qual existe a possibilidade da comunicação da experiência ao outro, pois ela é conceitualizada em símbolos cujo significado é acordado e comum. Considerado um funcionamento maduro.
- O terapeuta é um observador-participante. Ao interagir ativamente com seus pacientes, as expressões verbais e não-verbais que manifestam os padrões interpessoais recorrentes, assim como as operações de segurança preferidas, tornam-se aparentes. Desta forma, é possível ao terapeuta modular seu comportamento e criar oportunidades para a mudança, através da relação interpessoal.

Referências

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da Personalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SULLIVAN, Harry Stack. **The interpersonal theory of psychiatry**. New York: Routledge, 1955.